



AS CAMPANHAS DE 1385 - 1399 NO ALTO MINHO

(Introdução e antologia)

por António Matos Reis

A primeira campanha de D. João I e Nuno Álvares Pereira no Minho teve lugar em 1385 após a aclamação do mestre de Avis como rei legítimo, pelas cortes de Coimbra. O objectivo da campanha era o de reduzir à sua obediência as terras do norte do país que continuavam a seguir o partido do rei de Castela. Foi conduzida numa área pelo Rei, noutra pelo Condestável e ainda nalguns casos em conjunto.

O Condestável D. Nuno Álvares Pereira, após luta breve, impôs a rendição ao Castelo de Neiva e a Viana do Castelo, após o que se lhe entregaram voluntariamente Caminha, Vila Nova de Cerveira e Monção.

O Rei, D. João I, reocupou de surpresa Guimarães, em 8 de Maio. Des-

ta cidade encaminharam-se as duas hostes para Braga, para em seguida pôr cerco a Ponte de Lima, entre 19 e 21 de Maio, não demorando a conquistar esta localidade.

A notícia da invasão castelhana fez que o Rei e o Condestável, com os seus homens de armas, se dirigissem de novo para o sul.

Após a batalha de Aljubarrota D. João I encaminhou-se novamente para o norte, enquanto D. Nuno Álvares Pereira dirigia as campanhas do sul. Vila Real e Chaves foram reconquistadas pelo rei, sendo palco de operações menos felizes a região de Ciudad Rodrigo. D. João regressou às Beiras.

Chegavam ao termo, em 9 de Maio de 1386, as negociações entre Portu-

100

Centro de Estudos Regionais
1984



FLR28

As Campanhas de
1385-1399 no Alto Minho



94(469.11) REI

BMM

ESTUDO
BIBLIOTECA

gal e à Inglaterra, com a realização do tratado de paz e amizade perpétua. Os acordos entre Portugal e a Inglaterra foram seguidos por um tratado de aliança entre o Rei português e o Duque de Lencastre, celebrado em princípios de Novembro de 1386; por ele se comprometia D. João a ajudar o duque na conquista do trono de Castela, recebendo, por seu lado, em casamento a filha do Duque, D. Filipa, em cujo dote seria incorporada uma parte notável do reino de Castela, a anexar ao de Portugal.

Das Beiras D. João voltou ao norte, para se avistar com o Duque de Lencastre, que iniciara já as suas capanhas na Galiza. O Rei está em Ponte da Barca de 8 a 29 de Outubro e no primeiro de Novembro encontra-se com o duque na Ponte do Mouro (Melgaço). O casamento com D. Filipa, depois de nova ida de D. João I ao Sul, celebrou-se no Porto a 2 de Fevereiro de 1387.

Não foi duradoura a campanha do duque contra Castela, com cujo rei depressa chegou a acordo.

Prosseguiam as hostilidades luso-castelhanas e assim, enquanto o Rei de Castela invadia Portugal pelo Alentejo, D. João I, após as cortes reunidas em Braga de 11 de Setembro de 1386 a 6 de Janeiro de 1388, realiza uma nova campanha no norte, no âmbito da qual cerca Melgaço por volta de 10 de Janeiro, conquistando esta vila como seu castelo em 3 de Março e aí permanecendo até ao dia 8. Depois atravessa o rio Minho e toma Salvaterra, regressando a Monção.

De 27 a 29 de Março permanece em Ponte de Lima, daí seguindo para Barcelos.

Após o cerco de Campo Maior e uma trégua de seis meses, durante a qual reuniu as cortes em Lisboa, D. João voltou para iniciar, em 23 de Agosto, o cerco de Tui, que durou até à vitória em 18 de Outubro.

De regresso, o monarca assina documentos de 22 a 27 de Outubro, em Valença, e de 4 a 5 de Novembro, em Ponte de Lima.

Era tempo de acabar a guerra, que a ninguém trazia vantagem... E, assim, em 29 de Novembro de 1389 realiza-se em Monção, entre os embaixadores dos dois reinos, o primeiro tratado de paz, estabelecendo uma trégua de seis anos e a restituição mútua das terras conquistadas. O acordo foi assinado depois em Braga, por D. João I, em 29 de Novembro.

Reacenderam-se as hostilidades em 1396 por falta de cumprimento de algumas cláusulas do tratado de paz, por parte de Castela, cujo trono, por morte do anterior soberano, passara ao seu filho, ainda menor, Henrique III.

Enquanto o Condestável invade Castela, por Badajoz, D. João I, de 29 de Abril a 2 de Maio de 1398, junta as suas gentes em Ponte de Lima, dirige-se para Monção, tendo pernoitado nas choças em 4 de Maio e atravessa o rio Minho para resconquistar Salvaterra, cujo arraial dura de 7 a 20 de Maio. De Salvaterra encaminha-se para Sotomaior, sobre que assenta arraial de 29 de Maio até aos primeiros dias de Ju-

nho; o arraial sobre Tui irá de 24 de Julho ao início de Agosto. Daí o monarca regressa a Braga, ao Porto, onde reúne cortes, de 23 de Agosto a fins de Janeiro do ano seguinte, 1399, e a Évora...

Em 1399 negociaram-se tréguas por nove meses e no ano seguinte por dez anos. Tui e Salvaterra foram restituídas a Castela. Em 1411 assinar-se-ia o tratado de paz definitivo, inaugurando uma nova era na história de Portugal.

ANTOLOGIA

(Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*)

*Textos da edição dirigida
por Baquero Moreno
(Livraria Civilização)*

1 — CAMPANHA DO LITORAL

O Condestável saiu do Porto em direcção ao norte, pelo litoral, com cento e cinquenta escudeiros a cavalo e outros homens de armas. Pelo caminho outros se lhes juntaram, de modo que, oito léguas antes de chegar a Viana do Castelo, já ia acompanhado por quatrocentos lanceiros a cavalo, além de muitos combatentes apeados.

COMO O CONDESTÁVEL TOMOU O CASTELO DE NEIVA

«(...) E imdo assy seu caminho, chegaram huũ dia a oras de vespora e par de huũ loguãr que chamaõ Neyva, que saõ [sete] leguoas do Porto, castelo mui forte e bem defemdemte, que tinha võz por Castela, no quoall estava por alcaide huũ gemrro de Lopo Gomez de Lira. E como fforaõ alojados, gemtes do Comdestabre se foraõ acerqua do castello por escaramucar com hos de luguãr, não sabemdo ho

Comde de esto parte. E em se envolvemdo hũs cõ outros, vieraõno dizer ao Comde, e e ele foy loguo la pera ho tomar se podese. E combatemdo muy rigamente de toda parte, deu huũ virotaõ ao alcaide pella visagẽ do baçinete, de que loguo foy morto, e o castelo emtrado por pretisyã. E a molher do alcaide, filha de Lopo Guomez, se veio ao comdestabre, pedimdo lhe por merçe que lhe naõ fose feyto nenhuũ desaguizado e que sua homrra fose guoardada; e ele respõdeio que lhẽ aprazia muito e que naõ ouvese nenhũ reçoio. Em outro dia pela manhaã a mandou homrradamente com certos homeẽs de cavalo e de pee a Pomte de Lima, que heraõ dalij quatro leguoas, a seu pay, que estava por fromteiro da parte dell Rey de Castela. E foy o castelo de Neyva roubado de bestas e dinheiros e roupas e alfayas e outras muitas cousas que em elle estavaõ, e leixou ho Comde por guoarda delle Pero Afonso do Casall com çertos homeẽs darmas e de pee».

(Capítulo V)

COMO O CONDESTÁVEL
TOMOU
VIANA DO CASTELO

«Tomado [assi] o castelo de Neiva, sem maeis tardança, ao seguinte dia partio ho Comde pela minhãã, com sua gente e chegou bem cedo a *Viana*, que hera hã legua de Neiva, a qual tinha voz por Castela. E estava em ela por alcaide huã irmaõ de Lopo Guomez, que chamavaõ Vasco Louremço de Lira. E começou de [a] combater fortemente e muy afficadamente per todas partes, vindo muytos homees da terra ajudalo a este combate; e poseraõ fogo as portas da vila de guisa que arderaõ todas. E por ho combate ser aficado e muy perfioso, foy deribado Dioguo Gill, Alferez do Comdestabre, e morto de huã canto que deitaraõ de cima huã boõ escuudeiro que chamavaõ Fernandez, que hera ho mor homẽ e maes valemte que avia, naõ somente no Reyno mas ẽ toda Espanha, criado que fora del Rey dõ Fernamdo, de que ao Comde pesou muito. Ho alcaide em se defendemdo, deraõ lhe com huã virotaõ pelo rosto, e semtimdosse ferido e as portas da vila que ardiaõ ja, emtemdeo que naõ avia em ele conselho senaõ ser emtrado por força. E naõ o podemdo maes soffrer preitejou que cessassem do combate, e que sayse ele e os outros do combate, em salvo com todo o seu, e que lhe daria o loguar. E ao Comde aprougue dello, e ouve loguo a posse delle, e foy em ese dia pousar dentro e algũas das suas gẽtes. Vasco Louremço, ho alcaide, se foy cõ os seus a Pomte de Lima, omde seu irmaõ Lopo Guomez estava, e quando o vio ir assy desbaratado mamdou o loguo a Bragua, e levou recado que lhe entreguassem o castelo que Lopo Guomez tambem tinha por el Rey de Castella».

(Capítulo VI)

OUTRAS POVOAÇÕES
DO ALTO MINHO
ENTREGAM-SE
AO CONDESTÁVEL

«Avendo tres dias que o Comdestabre tomara *Viana*, roguamdo aos moradores do luguar que fosse bem firmes e acessegados em serviço del Rey seu Senhor, e que fizesem juizes e officiaes em seu nome dele, propos todavia de ir a Gualiza, terra de Castela, e deshij a Samtiaguo, como tinha ordenado. E movendo seu caminho pera la, os homees boos de *Çerveira*, que heraõ quatro leguas dali, e ysso mesmo os de *Caminha*, sabemdo como ele tomara per força *Viana* e o castelo de Neiva, que heraõ taõ fortes, temendosse de hir sobre eles, mamdarã lhe pedir por merçe que ho naõ fizesse, mas que mamdasse quem recçebese os loguares e loguo lhos entreguariaõ, ca eles portugueses eraõ e queriaõ ser, e servidores del Rey e do Reinno. E desto foy o Comde muy ledo e deu muitas graças a Deus por taõ bem emcaminhar seus feitos, e mamdou ala certas jemtes recçeber os logares, e poer nelles guarda quoaõl cumpria a serviço del Rey. E himdo maes adiamte, chegou ao rio do Minho e por nõ poder pasar se apousemtou em hã boa aldea acerca dele, e hij lhe chegou recado de *Monçaõ*, que outro sy estava por Castela, por que lhe emvia[ua]õ dizer os do luguar que lhes hera dito que queria hir sobre eles, e que lhe pediaõ por merçe que naõ fosse alo, ca elles verdadeiros portugueses heraõ e queryaõ ser; e que elle mamdasse recçeber a vila pera el Rey, e loguo lha entregar[i]aõ com boas vomtades, por a quoaõl rezaõ elle mamdou loguo recçeber o loguoar e ffoulhe entregue, e posto em elo resgualo quoaõl compria a sua segurança. Hora fique o Comde ẽ esta aldeya cuidoso asaz pera buscar vaoo, e nos vamos por el Rey a Coimbra e traguamolo ao Porto».

(Capítulo VII)

2. CAMPANHA DE PONTE DE LIMA

PREPARAÇÃO DA TOMADA DE PONTE DE LIMA

«Em Ponte de Lima estava por fronteiro Lopo Guomez de Lira, criado del Rey dō Fernando, e meirinho mor daquela comarca, e tinha hi a mulher e os filhos, maõtemdo voz por el Rey de Castela. E este avia cõsigo muitos e boõs escudeiros, asaz homens de pee, e besteiros bem oitemta, e doutra gemte assy do logar como do termo, que pera sua defemssaõ avia ahi que avomdase; amtre os quoãis heraõ hi com ele Rodrigo Añes dAraujo e Guarçia Rõiz de Ledesma e Fernãõ Caminha de Ruivos e Dioguo Gil Sarrazinho, e outros escudeiros afamados, que naõ curamos de nomear. Tem hũa gramde e fermosa põte, comprida e espaçosa de muitos piães e por azo de huũ rio que chamaõ Lima, que corre jumto cõ ela. Doze torres que ha no logar eraõ todas moradas e forneçadas do que cõpria, e gemtes pelo muro sempre, que nunca se dele partiaõ salvo de noute. E totalas portas estavaõ cerradas com pedra, senaõ a da põte por omde se serviaõ, temdo muitos mantimẽtos, e bem seguros de nenhuũ contrairo que lhe avir podese. E em ela morava huũ boõ escudeiro chamado per nome Estevaõ Rõiz. E huũ dia estamdo na praça, quoamdo ho Mestre foy alçado por Rey em Coimbra, Guomçalo Lopes de Guojaães e Pero Veloso e outros escudeiros de Lopo Guomez começaraõ de falar com Estevaõ Rõiz no alcamento del Rey e na festa que lhe fora feita, e em outras cousas que a esto pertemciaõ, das quoães eles escarneçendo se soltaraõ em desmesuradas palavras comtra el Rey. Estevaõ Rõiz avia pesar e naõ ousava respomder, porem com menẽcoria dise: — *Quereis que vos digua, Guonçalo Lopez? Per vemtura este de que vos escarneçais imda vos ade lamçar ho agraço no olho.* E com estas e outras boãs rezões se espediraõ delle

bem mal contentes de tal falar. Loguo Lopo Guomez soube parte destas rezoês, e desprezamdolhe do que disera Estevaõ Rõiz, mamdou ho meter na cadea; seus parentes e amigos foraõ falar a Lopo Guomez por elle e fizeraõ no soltar. Elle solto e semtimdose desta deshorrã, falou com Lourenço Rõiz, seu irmão, e com Guarçia Lopes seuparente, que vivia cõ Lopo Gomẽz, e com outros ata oyto, que pois que portugueses heraõ e Rey tinhaõ natural do Reyno, que lhe desẽ aquela vila. E semdo todos neste acordo, per seguramça de seu graõ segredo foraõ fazer juramento e promessa a huũa irmida alomguada do luguar huũa mea leguoa. Este outorguamento assy feito, mamdaraõ chamar a Guimaraães, que saõ daly oyto leguoaas, huũ frade de Saõ Francisco natural daquele logar, que chamaõ frey Guomçalo da Pomte, e por ele mamdaraõ dizer a el Rey ao Porto, omde aimda estava, que eles tinhaõ ordenado de lhe dar o loguar, e que como eles visẽ tempo azado pera se poer em obra, que loguo lho fariaõ saber. El Rey foy muy ledo com este recado, e dise quee lho aguardesia muito e tinha em graõ serviço e que lhe roguava pois taõ boa cousa tinhã ordenada, que se trabalhassem de o poer em obra o melhor e mais seguramente que ser podese, e que elle lhe prometia de fazer por ele muitas merces. Tornouse ho frade com recado, e foy e veio [por] tamtas vezes, falamdo sobre a maneira como se melhor avia de fazer, quee foy el Rey em tamto a Guimaraães, e o tomou como ouvistes. E ffalamdo huũ dia Estevaõ Rõiz cõ os outros como se avia de dar o loguar, e per que guissa aviaõ todos de fazer, e ele achou que se arrependiaõ ja, dizemdo que a cousa hera muy perigiosa e de gramde duvida, por quoanto o loguar hera forte e muy boa gemte em ele. E naõ se acertamdo como eles cuidavaõ, que suas vidas e molheres e filhos heraõ de todo perdidos e obriguados a morte; e que portanto naõ queriaõ em elo maes falar, mas que lhe prometiaõ pela jura e sacramento que

feito tinhaõ que nenhũa cousa descobrissem desto, se ele em elo quisesse obrar algũa cousa».

(Capítulo XIV)

EL REI

PARTE DE GUIMARÃES A CAMINHO DE PONTE DE LIMA

«Quando Estevaõ Rõiz vio que hos que eraõ em esta fala lhe faleciãõ de tall guisa e que toda sua ordenamça e pemsamento era tornado em nada, com grande sentido que tinha dacabar o que começara, falara com seu irmaõ que ho ajudase; e comcordados a naõ falecer em nenhũa cousa, pasarã em esto algũs dias ata que el Rey tomou Guimarãis. E soamdo estas novas pela terra, mamdou Estavaõ Rõiz recado ao frade que fosse loguo dizer a el Rey que hũ dia çerto que lhe devisou partisse, e que cobraria o loguar. El Rey, muy alegre de taes novas, naõ damdo a emtemder nenhũa cousa, mandou loguo recado ao Cõde a Bragua, que eraõ dahy tres leguoas homde haimda estava, recomtamdo lhe todo como hera, e que lhe mamdava que se fizese prestes para se hir com elle, assynamdo lhe huũ loguar çerto homde ho avia daguardar, pera se ajuntarem ambos. O Comde, comprimdo seu mamdado, fez o assy e foyse loguo aquele loguar; e esto ordenado partiose el Rey depois que comeo, cõ gemtes avondo pera tal feito e fingio que hia caminho do Mosteiro da Costa, pelo nenhuũ naõ emtemder. Pero nõ embarguamdo isto, como se el Rey partio, loguo huũ homẽ que hi amdava por emculca se foy a presa a Pomte de Lima e dise a Lopo Guomẽz: — *Sabede çerto que el Rey he partido de Guimarãis e nã sabem pera homde vay; mas afirmasse de sua ida que leva caminho do Mosteiro da Costa, e outros dizem que se vay a Villa Real. — Certamente, dise Lopo Guomez, sobre Villa Real hiraa, que tem Joaõ Rõiz Porto Careiro, mas vaa para*

homde se pagar, naõ tomeis disso cuidado: dilhe que arranhe derrador e naõ bryte a sebe. El Rey, himdo por aquel fingido camino ja boõ espaço, deu volta a Ponte de Lima, e chegou bem noute aquẽ do logar huũa leguoas, homde ho ja Estevaõ Rõiz estava esperãdo, e veose com elle. E a quem da villa huũa mea legoa ficou em huũa çilada com as mais das gemtes, e Alvaro Pereira, marichal, com ela. El Rey veose a huũa devesa excusa e cuberta darvores com huũ cento de cavalo dos boõs que em sua companhia amdavaõ, que seria ata dous tiros de besta do loguar. E ally ficou el Rey, todos a pee terra deçidos das bestas, atamdolhe as línguoas com as sedas do rabo por naõ rincharem e poderẽ ser descubertos».

(Capítulo XV)

TOMADA DE PONTE DE LIMA

«Estamdo asi Ponte de Lima basteçida e aperçebida como disemos, avia em costume de se guoardar desta guisa. Vinhaõ algũs de fora do termo a vila por velarem, segumdo lhe acomteçia, e isso mesmo dos do loguar, com elles, e bem çedo pola menhã hiaõ çimco ou seis piõis buscar as devesas derrador da vila, se avia ahi gemtes ou çilada que fezese nojo ao loguar; e depois que descobriaõ terra e tornavaõ pera ha vila, emtaõ abriaõ a porta e mamdavaõ aos veladores que se fosse pera suas casas. E os da vila que velavaõ e roldavaõ de noute dormyaõ pola menhã; os quee desto nom tinhaõ carguuo, e isso mesmo Lopo Guomez, dormiaõ muito daçosseguo quoamto lhe prazia atee que se emffadavaõ, de guisa que ja era alto dia e naõ achaveis nenhuũ amdar pela vila dos que cuidado tinhaõ de a defender. E quoamdo Estevaõ Rõiz sahio a tarde por hir aguardar el Rey homde hera divisado, dise ao que aguardava a porta que hia buscar bestas que achar naõ podia e que cuidava que lhe eram furtadas.

E depois que trouve el Rey aquele loguar que dissemos, e os leixou assoçeguados, pola menhaã bem cedo tornou a vila e achou as portas cerradas; e a cabo de pouco foraõ abertas pera ir buscar as devesas como aviã em costume. E quoamdo os pioëis quiseraõ sahir, pergumtaraõ a Estevaõ Rõiz domde vinha: *Venho do demo,* dise elle, *e naõ vedes vos quejamdo eu venho? Mas omde vos ides vos outros?* — *Como he ysso?* diseraõ elles. *Como?* — dise elle — *Des omtẽ a tarde amdey cõ maa vemtura buscamdo toda esta terra por duas bestas que acho menos, e numca me ficou devesa nem vall arredor desta vila que toda esta noute naõ andase corremdo, e nunca as pude achar; emtemdo eu que me saõ furtadas. E porem naõ aveis que la ir fazer, que todo esta seguro, e naõ temdes ja hi que buscar; porem se quiserdes que la tornemos vamos beber primeiro duas e duas vezes de muy boõ vinho que eu tenho, e emtã podemos la ir outra vez.* E porque aquella menhaã fazia huõ pouuco nevoaço e ele vinha molhado do orvalho dise Alvaro Louçaõ e Fernã d'Angulha, que eraõ dos que aviaõ de ir fora: — *Bem nos diz Estevaõ Rõiz. Vamos beber com elle qua bem nos acomsselha.* E os outros outorguoraõ em esto, e foramse com ele pera sua casa, e o porteiro çerrou emtãõ a porta. E com eles em casa falou com a molher, que destõ sabia parte, e dise comtra os ouotros: — *Se nos avemos de beber ffaçaõ nos a nos bem dalmoçar.* E ela se tremeteo de ho fazer naõ muito depressa. Estomçe dise Estevaõ Rõiz: — *Quereis bõ conselho que vos valha Deus? Juguemos hos dados em tanto.* E eles diseraõ que lhe aprazia e começaraõ a jugar; e em juguamdo sahio a molher-da cozinha e disse: — *Leixade esse joguo e ide ver adegua, qua cuidõ que se vay huõa cuba.* — *Juguay vos outros,* dise ele, *e irey ver que cousa he aquela, e tirarey amtre tanto que bebamos.* E ele mamdou o vinho pela mançeba, e dise que disese se perguntasẽ por elle que aguardasẽ huõ pouuco, que loguo tornaria. E foyse com

seu irmaõ e cõ huõ homẽ de pee a porta da vila e dise ao porteiro: — *De seguradamente que naõ abris a porta a eses veladores? que ja hee tarde* E elle dise que aguardava hos pioëis que aviaõ de hir buscar as devesas. *Digovos* — dise ele — *que se hos vos aveis de agoardar, que ha boas horass iraõ eles daquy. E naõ sabis vos quejamdo eu oje vy de buscalas devesas que toda a noyte amdey buscamdo as bestas que me furtaraõ, e toda terra he segura; e todos eles se fforaõ comigo, e estaõ em minha casa juguamdo e jaa laa naõ amde ir.* E emtãõ abrio o porteiro aos veladores, e elle saio com eles, e hiaõ falando no que lhes prazia; e aqueles que se acertaraõ de ir por aquel caminho por homde el Rey estava, quoamdo aly chegaraõ foraõ reteudos. Lourenço Rõiz, seu irmaõ, quoamdo eles sahiraõ lamçou excusamente dinheiros meudos amtre as portas, segumdo tinhaõ ordenado, e começõ de hos buscar dizemdo que os perdera ao seraõ. E em achamdo hũs, leixava cahir outros, por halomguar ho espaço. Em esto os que inhaõ para sair ffora ajudavaõ lhos a buscar, e ysso mesmo ho porteiro e ouotros que aly estavaõ por guoardadas. E ele voltou huõ pedra amtre as portas, dalgũas que hy estavaõ em que sayã asemtdados os que guoardavaõ a porta, mostramdo que achava algũs dinheiros sob ela. Ho homẽ de pee, que estava na ponte, fez çerto synal com huõ capelo e Estevaõ Rõiz que os bem vio, fez outro aos del Rey, e moveo a presa primeiro os de pee e vimtee de cavalo, ingreses frecheiros; e amte el Rey vinhã ho Comdestabre e Ruy Memdez de Vascomçelos e Guonçalo Vasquez de Mello, o Velho e Marty Afonso de Melo, o Moço, e o Doutor Martim Afonso e outros. El Rey vinha dizemdo ameude: *Çeeguaos, Saõ Mateus, cegu[a]ps. Saõ Mateus, çegu[a]jos.* E assy emtraraõ per sob a ponte, e deshẽ per antre o muro e barbaquuaã, per huõ devasso portal que tinha. Os que estavaõ em çima do muro, quoamdo hos assy virã vir, comecaraõ bradar a pressa

aos outros que cerrasē as portas. Lourenço Rõiz, quue tinha aly obrigada sua vida, embarguava que se naõ çerrassem as portas, e de tal guisa o fez cõ huã espada que se naõ pode tam toste çarrar nem tirar-ho quoamto. E eles que ho tiravaõ e puxavaõa porta, ficamdo Lourenço Rõis demtro peleijamdo com eles, e Estevaõ Rõiz chegua muy azinha e meteo a espada per antre as portas; e deu na testa aquele que as çerrava, e leixou as emtaõ das maõs. E Lourenço Rõiz tirou por huã delas e abriu a de todo, e tiverãõ na elle e seu irmaõ as espadas, e chamãdo altamente: — *Portugual, Portugual*. E el Rey cheguou muy a pressa com os seus, e começaraõ dêtrar na vila; e quoamdo el Rey emtrou, deitaraõ da torre de çima da porta huã graõ pedra que veio dar junto com ele. Diz ele: — *Deveras ja qui picaõ*. Os de Lopo Guomez que pousavaõ pela vila, de que muitos aimda jaziaõ nas camas, quoamdo ouviraõ aquele arroydo e viraõ comssiguo tantos ospedes naõ roguados, com som de trombetas começaraõ se dêvolver [e por em armas, trabalhando-se de os receber] de ma guisa, defemdemdo as ruas muy rigamente, e escudados e armados, e bradamdo todos: *Castilha, Castilha, naõ he nada*. Mas seu apilidar e defemssaõ lhes prestou pouuco, qua os frecheiros e as outras gemtes os fizerã loguo retraer atras, e deles matamdo e ooutros premdemdo, acolheraõ se pelos muros as torres e daly se defemdiaõ o melhor que podiaõ. Em esto cheguou Alvaro Pereira cõ as gemtes da çilada homde ficara e como a vila foy despachada dos imiguos todos tralhavaõ de se ajudar do que em ela achavaõ que dos moradores naõ fose, e de se apousemtãr cada huũ [como] melhor se acertava».

(Capítulo XVI)

O DESTINO DOS TRAIADORES

«El Rey assy em posse da vila ordenou loguo de combater as torres, que heraõ

muy fortes e forniçidas darmas e de gemtes; porem, amte que combatese, mamdou dizer a Lopo Guomez que bem sabia ha homra e acreçentamento que ouvera neste Reino, na quoaal lhe elle naõ emtemdia de mimguoar, mas enhader e fazer muitas merces, de guisa que elle fose comtemte; e pois que elle via que seu feito estava em tall ponto que naõ avia em elle defemssaõ, que se naõ quisese perder elle e a molher e quoamtos heraõ cõ elle, mormente que elle naõ tinha castelo em que se defemdese, e que o tivese, que lhe naõ prestava nenhũa cousa; e que se ho avia por esperar acorro del Rey de Castela, que vyse ho acorro que mandara a Ayrez Guomêz e que por aly poderia ver quoamto lhe compria de manter aquela tẽçaõ; porem que lhe comselhava por seu proveito que se viesse pera elle em quamtoo ele avia vomtade de lhe naõ fazer nojo, que poderia ser que despois requereria elle esto que lhe el mamdava roguoar e naõ lhe serya outorguado. Lopo Guomez por estas rezões nem outras muitas que lhe forã ditas numca poderaõ com ele postas senãõ que se queria defemder. Entãõ mamdou el Rey cõbater totalas tores, salvo a de Lopo Guomez de Liraa; e o Comdestasbre combatia da partee de ffora, e outros pelos lamços dos muros de huũ cabo e do outro; e per força darmas e de foguo e per preiteisia se deraõ todas e fforaõ tomadas logo. Hora sabey que esta torre em que Lopo Guomez estava he a mais alta e a mais defenssavell de totalas outras que ha na vila. Avia em ela dous sobrados, e he toda chea ata ho muro, e hy estava a porta per que serviaõ demtro. E quoamdo el Rey emtrou, e Lopo Guomez [omde] jazia seguro ouvio supitamente taõ grã arroido, pergumtõu a presa que era aquello que tal volta fazia. *Naõ sabemos* — diseraõ eles — *salvo que ouvimos bradar altas vozes: Saõ Jorge*. Dise elle: *Çarra bem, çarra bem esas portas, que de saõ Jorge arreneguo eu, se ele oje qua emtra*. E ficamdo assy espamtado e naõ sabemdo que dizer, lamçaromse com elle amtre

homẽis darmas e piõjs e besteiros trimta e seis pesoas. Esta torre estava acalmada de muitos toucinhos e lenha ataa o primeiro sobrado; e porque naquela comarqua ha muitas igreijas e mosteiros, ademais da prata e dinheiros que hy avia tinha ho dito Lopo Guomez em guarda naquela torre. E quomdo começaraõ de ha combater defendiamse muy rigamente, partimdo as pedradas e as setadas sem doo. Em esto começaraõ de bradar que posesem foguo as portas, e queremdose trabalhar de lho poer mamdou Lopo Guomez mover preitesia a el Rey per Guonçalo Lopez de Guoiãis e per dom Abade de Saõ Salvador, e ja naõ poderaõ vir pela porta de guisa que estava, mas deceraõ nos per huõ cesto. E a conclusaõ das avemças era que el Rey lhe dese espaço a suua vomtade a que ho fizessem saber a el Rey de Castela que lhes dese acorro ou vyese acorrer, e naõ vindo, que os leixasse ir em salvo com todo ho seu. El Rey dise que tal preitesia como aquela naõ avia de fazer, que pois ele tinha a vila toda por sua, salvo aquela torre que naõ avia poder de se muito ter, que outra comvemça lhe naõ outorguaria sennaõ que lha leixassem despachadamente e se fosse loguo. E em falamdo sobre esto e nnaõ se podemdo comcordar, dise huõ escudeiro a Guonçalo Lopez se avia ahy tal amtre eles que se quisese matar huõ por huõ ou dous por dous sobre tal temçaõ quoaõ tinhaõ. *E quõais saõ eses dous,* dise ele. *Somos,* [dise o outro,] *eu [e] este escudeiro que aquy estaa.* E ele perguntou como aviaõ nome. *A my chamaõ* — dise elle — *Joaõ Gil Çapo e a este Guonçalo Aranha.* — *Ay varaõ* — dise Guonçalo Lopez — *e quoaõ seria taõ atrevido que se ousase de matar cõ duas taeis peçonhas? Quanto eu naõ cuõdo ser huõ deles.* E em rimdo todos desto dise el Rey contra Gonçalo Lopẽz: — *Tornẽvos a vos ja açima, pois taõ bẽ quereis provar que naõ aveisvos qua de ficar ffora.* Emtaõ se faraõ e guimdaraõnos açima per hũ sesto assy como deceraõ. El Rey mamdou que tornasẽ a cõbater, e sobiraõ loguuo pela

escada do muro que hia direito a porta, Joaõ Rõiz Guarda huõ boõ escudeiro pera muito, e Amtaõ Vasquẽz e Martim Afonso de Melo. E Martim Afonso hia diamte, e foyse loguo meter sob ho arco do portal da torre, e lamçaraõ de cima huõ quomto e deu a Joam Rõiz, deriboõu ho, e deraõ com ele morto em terra; e veio outro e deu a Martim Vasquẽz, e cahio, e foy muito ferido a ponto de morte. Hos que estavaõ pelo muro lamçavaõ a Martim Afonso, aly omde estava, tiçoõs com foguo e linnho e lenha pera poer fogo a porta; e ele, pelas muitas pedras que de cima deitavaõ naõ ousava de sahir de sob o arco, mas com huõ espada que levava colhia assy o que lhe deitavaõ, de guisa que pos o foguo as portas. E como comecarã darder, sayose rigo Martim Afonso e ffoyse pelo lamço do muro homde hos outros combatyaõ. E como as portas arderaõ, ateouse ho foguo na lenha e toucinhos e ardeo o primeiro sobrado; e com ho gramde fumo e labareda que hia aho outro sobrado, nnaõ o podemdo sofrer, poseraõ se amtre as ameas da torre, que tem, ho amdaimo larguo, e daly comecaraõ de bradar e capear Lopo Guomẽz e os outros, pedimdo a el Rey por merçee que lhe perdoase que se queraõ dar. El Rey estava em logar domde oulhaõ muy bem todo, e folguaõva de hos ver daquela guisa por se naõ quererem preitejar com(o) elle quisera e especialmente por a morte de Joaõ Rõiz de que lhe muito pesava. E os seus lhe diziaõ e aconselhavaõ que hos leixasse afoguar todos, que bem merecedores heraõ delo, por se asy afouitarem comtra ele. E el Rey tal temçaõ tinha, e Vasco Martinz de Melo dizem que dise a el Rey que fosse sua merçe daver doo de Tereja Guomez sua molher, que amdava prenhe, e de seus filhos, posto que filha fosse de Vasco Guomẽz d'Abreu que estava em seu desserviço, e os naõ leixasse morrer de tam cruel morte. El Rey, per seus afycados roguos e movido com piadade, mamdou que não combatesẽ mais, e deceraõ sua molher de Lopo Guomẽz per cordas em huõ çesto,

e asy ele como os ooutros, cada huũ como melhor e mais azinha podia, deles cheiramdo bem a fumo e outros que se começavaõ ja de chamusquar. E quoamdo vieraõ todos beijar a maõ a el Rey, dise huũ escudeiro a Guonçalo Lopes Guojãis: — *A, Guonçalo Lopes, que mal comselhastes Lopo Gomez de se não vir a merçe del Rey meu Senhor e trabalhar de se defemder dele.* E ele respondeo dizemdo: *E quem sois vos que me iso dizeis?* — *A my chamaõ Lamcarote,* dise ele. — *De Lago ou quoa?* dise ho outro. *Mas servidor del Rey meu senhor* dise ho escudeiro. *Se vos sois Lançarote de Lago* — dise Guonçalo Lopez — *eu soõ Dom Quea o derribado.* Estomçe mamdou el Rey levar presos ao Porto Lopo Gomez e sua molher e Gonçalo Lopez e outros, omde foraõ muy mal recebidos de doestos [e] de muy maas palavras, e pasaraõ nos alem, e levaraõ nos a Coimbra, e deu el Rey a Ruy Mēdez de Vascomçelos terra de Froyam e terra de Jaraz e outros loguares que Lopo Gomez tinha do tempo del Rey dom Fernamdo. Em esta vila foraõ achadas muitas armas e cavalos e azemolas e outras muitas cousas de que hos del Rey foraõ bem fornidos; e deixou el Rey por guarda dela Estevaõ Rõiz, e seu irmaõ com alguũs dos seus e tornou-se com o Conde a Bragua. E aquele dia e aquela noute foy el Rey ospede do Comdestabre, que comeo e dormio com ele, e em outro dia partiraõ ambos peras Guimarãis».

(Capítulo XVII)

3. D. JOÃO I E O DUQUE

DE LENCASTRE

PRIMEIRO ENCONTRO

«Em pasando asi estas cousas guatavaõse os dias, e era ja no mes dOutubro. E o Duque chegou aquele mosterio de

Cela Nova, que he em Gualiza, de Ordẽ de Sam Bemto, no Bispado dOuremse, açerqua de Milmãmda, dez leguoas de Samtiaguõ, cõ sua molher e filhas e parte de sua gemte. E ell Rey partio do Porto bem coregido e acompanhado; e amtre os apostamentos que asy levava, deu a todolos que amdavaõ cõ elle de cote, que seriaõ ataa quinhentas lamças, lomdẽis de fustãõ brãquo com cruze de Sam Jorge; e ell levava semelhavelmente outro de pano de syrguo bramquo. E com as outras gemtes dos fidalgos podiaõ ser per todos dous mill, e levavaõ amtre cavalos e mulas e facas bem coremta, todas a destro, cubertas de suas armas e doutros corregimentos o melhor que se fazer pode, como aquell que se avia de ver cõ huũ taõ nobre senhor com que se nunca aimda vira. O Comdestabre, que dasoçeguo estava em Riba dOdiana quamdo se estas cousas começaram, quoamdo vio o recado dell Rey como o Duque hera em Gualiza, e que porquoamto cõpria de se ver com elle lhe mamdava que se fizese prestes, e se fose peraquell lugar huu aviam de ser as falas, trabalhou loguo de se correger. E com çertos cavaleiros e escudeiros bem coregidos e emcavalgados partio pera alla. E achou ell

Rey na Pomte da Barqua, que de sua vimda foy asaz ledõ e o recebeo muy bem. E imdo asy seu caminho da parte aquem da Ponte do Mouro, o Duque pareceo da outra parte, que vinha por a par de Melgaço, que estava emtãõ por Castella. Ell Rey, quoamdo vio que o Duque asy vinha, passou da parte alem, e açertamse ambos em hũa ladeira. E ell Rey hia armado de todas as armas, que lhe naõ mimgoava senaõ o baçinete, e muitos dos seus daquella guisa. E os do Duque traziam cotas e braçees com jorneas borladas e os outros farpados, asaz vistosos e bem corregidos. E vinhaõ de mestura algũs gualeguos e castelaõs, dos que pera ell vieram e receberam, por senhor. E aly se receberam, abraçandose e fazemdose suas mesuras com prazer e lediçe; estiveram hũ pouco fa-

lamdo, e deshy pasaramse aquẽ do rio, omde el Rey tinha suas temdas postas. E ally sedesarmaraõ e asemtaramse a comer ambos de hũa parte, sem curarẽ de parte direita nem esquerda, ca imda emtaõ naõ hera em huso, e asy os que vinhaõ cõ o Duque. E era esto o primeiro dia do mes de Novẽmbrõ em festa de Todolos Samtos. E depois que comeraõ, foise o Duque pera seu alogamẽto homde pousava, e ell Rey ficou aly. Em outro dia armaram cõtra fumdo do rio hũa temda grande que fora dell Rey de Castella, tomada na batalha reall, e ally fazia ell Rey e o Duque depois seus conselhos».

(Capítulo XCI)

ALIANÇA DE EL REI COM O DUQUE DE LENCASTRE

«As lianças e convenças que aly trautaram comtam algũs per desvairados modos, mas a verdade, que errar naõ pode, nos çertifiqua que foram desta guisa. Ell Rey e o Duque, com os Perlados e Baraões de sua falla, avemdo sobre esto conselho maduro, hordenaram amtre sy — que por bem e homrra de suas pessoas e estados de seus reinos, fosem ambos e seus sobçesores e povos a elles sogeitos boõs e leaẽs amigos, sem malicia nem emgano; e que esta liamça e amyzade fose jumta e hunida, de guisa que se ajudem huũ ao outro, e iso mesmo seus herdeiros, comtra quoaẽs quer pessoas que comtestar quisẽ seus reinos ou parte delles, tam çedo e triguosamemte como cada huũ fazer podese. E que ell Rey de Portugall em esta cõquista porque o Duque hera vimdo, fose theudo de o ajudar, fazemdo guerra craramẽte comtra o dethedor dos reinos de Castella, e que a tevese asy aberta cõtra elle e naõ çessar della per nenhũa guisa, nem fazemdo com elle pãz nẽ treguas. E que esto se emtemdese em quoamto o Duque e seus sobçesores estivesem em esta terra por fazer tall comquista e comprila.

E que per esta guisa o dito Senhor Duque e seus herdeiros fizesem comtra quoaes quẽr pessoas que tomar e ocupar quisesem os reinos de Portugal ao dito Rey dom Joam ou a seus deçemdemtes, temdo guerra aberta por sua parte, como dito hee. Hordenaraõ mais e firmaraõ — que ell Rey de Portugall, com ooste de duas mil lamças e mill besteiros e dous mill homẽes de pee, em sua propia pesoa ajudase o dito Duque comtra o dethedor dos ditos reinos e comtra quoaes quẽr que de sua parte fosẽ; e que esta ajuda que ell Rey de Portugall avia de fazer fose a sua custa e despesas, e naõ que o Duque ouvese de pagar a ell Rey nem a suas gemtes soldo nem outra cousa, como algũs mall escrevẽdo disseram. O quoall fose presto de caminhar pera fazer em ella começo des o primeiro dia das oitavas do Natall seguimte ataa o derradeiro dia d'Agosto, que eraõ oyto meses. E que cada huũ departise de huu melhor emtemdese, e se ajumtasẽ a emtrada de Castella, huu per elles fose devidado, e dally cavallgasẽ juntamemte ou apartados, como lhes melhor pareçese. E se amte dos oito meses acabados o dethedor dos reynos de Castella se metese em villa ou çidade ou algũ lugar deses reinos, que ell Rey de Portugall estivesse em tall cerquo com o dito Duque ataa que ese dethedor fose tomado ou morto ou fogido. E se perventura, duramdo os oito meses, ouvesem çertas novas que ese acupador dos reinos de Castella quisese poer a batalha ao Duque, e o dia asinado pera ella pasase allem daquell tempo, que em tall caso ell Rey de Portugal fose theudo atemder per todo o mes de Setembro aas suas propias despesas e ser na batalha em ajuda do dito Duque. E se a batalha fose feita duramdo o dito tempo dos oito meses, que ell Rey de Portugall se tornase pera seus reinos ou huu lhe mais prouvese; e tornamdo, se asy o dito Duque ouvese mister de suas gẽtes, que ell Rey lhe dese liçemça e cõgeito de ficarem, e esto a custa do Duque. E aqueçemdo tall caso que depois que ell Rey de Portugall tor-

nase pera seus reinos, viesem çertas novas que o dethedor dos reynos de Castella queria poer ao Duque a batalha e o Duque o mãdase requerer que viesse a ella, que ell fosse theudo de hir com sua ooste e ser presente per pesoa o mais a presa que o fazer pudese; sem emganno de detemça. E feita por aquella vez tall batalha ou nnaõ, que ell Rey de Portugall, requerido outra vez, naõ fosse tehudo de hir alla. E por mais liamça damizade e seguramça destas couças hordenaram emtaõ e prometeram — que o Duque dese sua filha a Ifante dona Felipa a ell Rey de Portugall por mulher, e que ell Rey a reçebesse, avemdo primeiro despemssaçaõ pera que tall casamemto fosse valioso, e que esa dona Felipa jurase de recebẽr ell Rey de Portugall por marido, avida primeiro aquella despemssaçam. E por bẽ e rezam deste matrimonio e ajuda que ell Rey de Portugall avia daver a sua custa, ordenou o Duque e sua molher por sy e seus sobçessores, per aquell titulo de Rey e Rainha que traziam, que elles dessem e outorguasẽ a ell Rey de Portugall pera sempre pera coroa de seus reinos, hũa parte de Castella e de Liam per villas e lugares nomeados desta guisa, a saber: a vila de Ledesma com seus termos, e o castelo de Matilha; o lugar de Meeleaaõ, asy como vay ho caminho de Plato com a çidade de Plazemça, e dhy vay ho caminho de Plato com a çidade de Plazemça, e dhy imdo direito ao lugar que dizem Grimoalldo, e asy a outro que se chama Canaverall; e dahy pasamdo a Alconetra; e deshy e Caçeres e a Losqua, e emtaõ a Merida e a Fonte do Mestre; e deshy a Çafra e pellas Torres de Medina, e de hy direito a Freixinall; e quoãisquẽr outras villas e lugares que amtre estes e os reinos de Portugall fosse comteudos; com todos seus termos e lugares, salvo o lugar dAlcantara e Valemça dAlcantara. E porque diziaõ que estas duas villas e allgũs lugares açima nomeados heraõ de çertas hordẽis de cavalaria, ficou o Duque que ell dese as hordẽis cujos fosse outros tam boõs por ellẽs; e quoamdo se per alguũ

modo fazer naõ podessem, que ell daria a ell Rey em recompemssaõ outros semelhamtes em remda e bomdade açerca de Portugall, os quoaes ouvese a seu poder por sempre, quaõ çedo todos ou cada huũ delles viesem a obediemça do dito Senhor Duque, sem ell Rey sẽr tehudo a numca a outrem fazer conhecimento. E esto foy o trauto da avermça que amtre elles ally foy firmada; doutra guisa naõ».

(Capítulo XCII)

4. O CERCO DE MELGAÇO

INÍCIO DO CERCO

«Tornamdo a el Rei que ficou em Braga, assaaz afadiguado da guerra em que era, peroõ fosse tempo de inverno, nam deu vaguar porem a seu trabalho; e hordenou de hir sobre Melgaço çimquo leguoas acima de Tui e meia legua do Rio do Minho, villa cerquada sã arrabalde, de bom muro e forte castello, do senhorio de seu Regno, que lhe tinham os imiguos tomado. A este luguar chegou el Rei com sua hooste, era no mes de Janeiro, na quall hia dom Pedro de Castro e o Prioll do Espiritall e Johã Fernandez Pacheco e outros capitaẽns e senhores; e seriam per todos hũas mill e quinhentas lamças e muita gemte de pee. E os que demtro estavam por deffemsaom do luguar eram Alvaro Paez de Souto Maior e Dioguo Preto Exemeno, e em sua companhia atee trezentos homens darmas e outros muitos pioens escudados. E loguo como el Rei chegouo fforam armadas as temdas e pousado o arraiall; nam porem lomge da villa. E sem daar mais despaço começaram de demtro tirar aos trõos e a escaramuçar com os de fora; e nam se feez dapnno de hũa parte a outra, nem com os trõos que lamçaraom. No seguimte dia escaramuçaram e deram hũa setada a Pero Louremço de Tavora; e da villa morreram algũs e foram outros fe-

ridos. E pero ese dia lançasem nove pedras de trões aos do arraial e não lhe fizeram nojo. E nos dous dias depois este lançaram XX pedras, sem outra escaramuça, que não fizeram dapno. E a sesta feira nam lançará trões, mas foi hũa escaramuça em que mataram hũu do arraial e foram feridos muitos de hũa parte e da outra. E ao sabado lançaram três trões, e hũ de noite, sem fazerem nojo. Ao domingo foi feita hũa escaramuça amtre os da villa e os de dom Pedro de Caastro, e mataram dos de dom Pedro hũu homem darmas e dous de pee, e doutros per todos ate seis; e da villa foram algũus fferidos e nenhũ morto. Nos dous dias seguimtes deitaram oito trões que não fizeram dapnos».

(Capítulo CXXXIII)

O ATAQUE FINAL

«Averdo nove dias que el Rei jazia neste lugar, temdo ja os da villa lançadas sesemta pedras de trões que naan fizeram porem dapno, mandou el Rey armar hum emgenho acima da ponte da villa. E loguo a esa quarta ffeira lançou çimquo pedras, e tres forã demtro no lugar e duas deram no muro. E respomderanlhe de demtro com doze pedras de trões que nenhũu dapño fizeram. A quimta feira lançou o emgenho XXV pedras, das quaes deram dezaseis no muro e duas em dous caramonchoões que foram loguo derribados; e as nove cayram demtro da villa, que fizeram gram perda em casas que derribaram. Em esto não quedavam de derribar madeira e acarretalla, que el Rei mandava trazér pera fazer duas escallas e hũa bastida, pera mover todo juntamente e pousar sobre o muro. E como foi lavrada, fizeram as rodas do carro pera a bastida, em que avia em goso per testa dous pallmos, e de roda a roda do carro em amcho treze covodos, e ao longuo de padiall que hia per cima dellas, avia vimte e seis covod-

dos, e em alto, des homde se começava per cima dos carros, avia treze braças e meia. E em ella avia tres sobrados pera hirem homês darmas e besteiros, juntos ou apartados, como visem que compria. O quall sobrado primeiro hia madeirado de pomtões bem grosos, estraados de bastos caniços, pera amdarem per cima, e avia derredor cemto e trinta e seis pomtoees; e a parte detras ficava aberta, em que hiam escadas dalçapaom per que aviam de subir. E per esta guissa o seguumdo sobrado, que avia derredor cemto e vimte e quatro pomtoees; e o terceiro cemto e trinta escadas dalçapão de hũ ao outro. E em cima deste sobrado outro pequeno, [cõ] cemto e vimtoito meos pomtões derredor, em que hiam tres mill pedras de mão que mamdarã apanhar as reguateiras. E no segumdo sobrado quimze trebolhas grandes, cheas de vinagre pera deitar ao foguo se lho lançasem. E esta bastida levava diamte seis grandes caniços fforrados da carqueja, e XXIII coiros de bois verdes, penguados sobre ella por guarda do ffoquo è dos trões. Mandou mais fazer duas escalas, que levava cada hũa quatro rodas e os eixos de ferro bem grosos, e sobre ellas seis traves alltas como esteios, acompanhadas doutros paos pera se mamterem, naom todas de hũa altura, seguumdo compriam. E em cada hũa duas polles de guimdar, que guimdavam doze cabres grosos de linho canave, e tres dobaduras detras pera guimdarem e dous grandes cabres estantes como de naos. E hia cada hũa escalla penguada de tavoas grosas sobre quatro paos compridos como pomtões, em que avia de longuo coremta e oito covados e em amcho nove, e çimquoemta degraos de meios pomtões e caniços, e coiros de vaca verdes nos lugares omde compriam, pera hirem [cada hum] na bastida de sua parte. E todo esto foi feito em quimze dias, e nam quedavam em tamto fazer caminhos e callçadas per homde aviam de hir a bastida e escallas».

(Capítulo CXXXIV)

RENDIÇÃO DE MELGAÇO

«Emquanto se estas obras ffaziam nam cessavaom os da villa lamçar trões ao arraiall, e do arraiall a villa pedras demgenho. E vemdo os do luguar aqueles artefficios feitos e recehamdose receber delles dapño, mamdaram dizer a Joham Fernandez Pacheco que lhe fosse fallar. E el Rei o mamdou laa, e chegou a barbacaam, e Alvaro Paez ao muro, ffallaram per espaço e nam se acordaram. E em ese dia escaramuçaram duas mulheres bravas, hũa da villa e outra do arraiall, e amdarã ambas aos cabellos, e vemceo a do arraiall. E deshi cada dia tiravam os trões e o emgenho hũs aos outros, e o emgenho fazia muito maall na villa, e os trões nam empeciam nada. E em esto chegou a Rainha a Monção, tres leguoas de Melgũaço, e vinham com ella o Doutor Joham das Regras e Joham Affomssso de Samtarem e outros cavalleiros. E depois se veio a Rainha ao mosteiro de Feaães, hũa legua de Melgũaço. E iso mesmo chegou ao arraiall o Comde dom Guomcallo e Joham Rõiz Pereira e escaramuçaram os do Comde com os da villa, e foram feridos damballas partes e nenhũ morto. E veio recado a el Rey que a villa de Salvaterra, que lhe dera dom Pedro, que a dera hũ tabeliam e dous homẽs darmas a Pai Sorodea. El Rey mamdou loguo laa o Prioll com muita gemte, mas nam aproveitaram nada. E queremdo el Rei mamdar mover seus artefficios pera combater o luguar, fez saber a Rainha que viesse ver o dia do combate. E veio emtam aly. E hũa seguumda feira depois de comer, tres dias do mes de Março, mamdou el Rei que abalase a bastida com os seus coregimẽtos comtra a villa, como tinham ordenado, e moveo com fforça de gemte, peroo ffoy bem dezoito braças; deshi moveo hũa alla, depois a outra, e estiveram anbas defromte do muro arredada hũa da outra. E tiraram lhe sete trões que lhe nã ffizeram dapños. E depois moverã outra vez e ffoi bem rijamemte; e chegou se tamto a villa que punham hũ pee

no muro demtro e outro na escalla. Sobio muitas companhia e o Prioll primeiro que todos, e mamdou el Rei que tirassem a fora. Emtam se feez prestes pera mamdar combater e mamdou dez homẽs darmas que sobisem nõ mais alto sobrado, homde hyam as pedras da mão. E moveo todo jumtamemte, as escallas pera pousar e a bastida em que hiam os homẽs darmas e besteiros. E da bastida saiam homẽs com grossos paos que acostavã ao muro, e poseram muito delles, e fycavam de fumdo emparados. E peroo de cima lhe lamçavam pedras gramdes e foguo e nam lhes empecia nada. E tiravam de fumdo algũs camtos, afoora outra pedra, de guissa que os de demtro emtenderam que nã avia em elles comselho, posto que trabalhasem por se defemder. E fizeram no ssaber a el Rei que lhes mamdase falar; e foy laa o Prioll e falou com elles. E el Rei nam queria comsemtir em nenhũa avemça, coussa que aos outros luguares fazia de boa memte quando lho cometiã, mas todavia tomallos per fforça por se vimguar dalgũas desmesuradas palavras que comtra elle diziam per vezes. E sobre esto aviam referta se o fariam ou nã. Joham Rõiz de Saa dise que era bem, pois lhe moviam preitesia, de a fazer, porque tomamdo os per fforça lhe podiam matar hũa tall pesoa que elle nã quereria depois por quoamtos no luguar jaziam. E el Rey, com queixume, dise: *Quem medo ouver nam vaa na escalla.* — *Eu Senhor,* dise Joham Rõiz de Saa, *nam sey se dizees vos yso por mim; mas cuido que numca me vos a mim por tall conhecestes!* — *Nem eu,* dise el Rei, *nã o diguo por vos, mas diguo porque os ei ja por tomados.* Os que roubar desejavaom, da gemte meuda e meia, queriam que o tomase per fforça; e outros muitos tinhã com Joham Rõiz. E em fim comsentio el Rei na preitesia, e tornou laa o Prioll; a quaoll, leixadas muitas rezõees que mimgua nã ffazem de se escrever, foi desta guissa. Que dessem a villa e castello a el Rei, e que se saiem em gibõees, sem outra cousa, avemdo ja cimquoõta e tres

dias que el Rei jazia sobre elle, e temdo lamçadas da villa de demtro ao arraiall cento e vimtre pedras de trões, que nenhũ nojo fizeram, e do arraiall a villa trezemos e trimta e seis, que danaram gram parte della. E pretejada per esta maneira, foi ffa-mã pelo arraiall que todos aviam de sair em gibõees, com senhas varas nas mãos. E os cachopos todõs, sem nenhũ mamdado, apanharam varas, cada hũu seu feixe, e tinham nas postas a porta da villa por homde aviam de sahir. E em esto sahio hũ mamcebo, pouco mais de vimte annos, e chegou homde el Rei estava; e fimeados os giolhos amte elle, dise desta maneira: *Senhor! Eu saom escudeiro fidalguo que vim a este lugar por sericho del Rei meu Senhor, cujo vassallo saom, e por minha desavemtura sendo estas primeiras armas que eu thomei pera o servir, parece me que he fforçado que as perca, seguundo a preitesia que ouço dizer que amtre vos e os da villa temdes trautado, que he cousa de que tomo gram nojo que mais ser nã pode. E nam por a perda das armas, que sua valia nã he tamanha, mas porque me parece que ja com outras nam poderia aver nenhũ bom aquecimentto se estas de tall guissa perdese! Porem vos peço, Senhor, por merce que mas mamdees daar, que aimda vos eu com ellas faça tal serviço, guoardamdo homrra del Rei meu Senhor e minha lealldade que vos as ajaees por muy bem empregadas! El Rey dise que lhe aprazia muito, e que mamdava que lhas desem, se achadas ffosem, ou das outras hũas quoaes elle escolhese, e asy foi ffeito. E ao outro dia, hũa segumda feira, foram lamçadas todos fora daquele geito. E os cachopos metiamlhe senhas varas nas mãos, e elles tomavam nas; e diziam al-gũus por sabor ao que lha dava: *Ay rãogote ora que ma dẽes bem direita e boa!* E asy se foram, que nã ficou nenhũ, e o Prioll em sua guarda, nã embarguamdo os preguões e defesa del Rei que amdava pelo arraiall. A quimta feira foy entregue da villa e casteello Johã Rõiz de Saã, a que o el Rey deu. E elle tornouse com ha Se-*

nhora Rainha pera a villa de Momçaom, que eram dahi tres leguoas, como disemos».

(Capítulo CXXXV)

5. A CAMINHO DA PAZ

TRÉGUAS ENTRE PORTUGAL E CASTELA

«Os enbaixadores falaram a el Rei, estamdo em Bragua, em feito davemças antre elle e el Rei de Castella. E ell dizemdo que lhe prazia escolheo por sua parte dom Frei Alvaro Guomçallvez, Prioll do Espritall, e Louremce Annes Foguaça, seu chamceler moor, pera comcordarem com elles amor e avemça amtre elle e el Rei de Castella, chamamdolhe el Rei em suas cartas: *O noso adversario de Cas-teella*. E el Rei de Castella punha em seu ditado Rei de Castella e de Liam e de Portuguall e de Tolledo e doutros acostumados luguares, trazemdo armaas nas bandedeiras e seello, todo miscrado da guissa que no começo da guerra tomara. Estes embaixadores e os que dizemos de Portuguall se foram a Monçaom de Riba do Minho e aly comcordiram e outorguaram boas, firmes e leaees treguoas, asy por maar como por terra amtre os ditos senhores e seus aliados, el Rei de Framça e el Rei dEscocia da parte del Rei de Castella, e el Rei de Imgraterra aliado de Portuguall, se em ellas quisese ser, e esto por seis annos compridos, os tres que amte destto el Rei dImgraterra e el Rey de Framça por sy e por seus aliados aviam cõcordado em que emtrava el Rei de Castella e el Rei de Purtuguall se em ella quisese ser, e por outros tres alem destes, com muitos capitollos e comdições que escusados saom de se escrever, salvo este que el Rey de Purtuguall deixase a el Rei de Castella Tui, que lhe avia tomado, e Salvaterra d'Amtre Doiro e Minho».

(Capítulo CXL)